

A imagem da cidade colonial de Luanda vista sob outro ângulo: jornais, colunistas e jornalistas

Yuri Manuel Francisco Agostinho

Universidade de Luanda

Luanda - Angola

yanessanguifada@gmail.com

Resumo: Este artigo apresenta uma forma de como trazer uma cidade por meio de uma operação feita nos periódicos. Em termos metodológicos, a operação foi acompanhada por aportes metodológicos, que se consubstanciaram na análise dos jornais e das matérias publicadas, partindo do pressuposto de que as notícias dos jornais não estão isentas de interferências. As imagens da cidade colonial de Luanda obtidas por meio de um trabalho arqueológico realizado nas páginas dos jornais revelam lugares de memória, passagens e panoramas que inscrevem uma cidade colonial de Luanda com um “ar” saudosista e melancólico, com uma imagem de avanço em nome da modernidade.

Palavras-chave: cidade de Luanda; jornais; colunistas; jornalistas.

Introdução

A cidade pode ser representada através da palavra escrita, e encarada como texto quando ela é vista a partir de um olhar específico. Este olhar estaria sintonizado como um gesto de decifrar a cidade, como um leitor que decifra um texto ou uma escrita (Barros, 2007). As várias matérias inscritas num jornal, que se traduzem em informação para quem as lê, abrem espaços para o surgimento de imagens, narrativas, sujeitos e eventos transcorridos num espaço social. Neste sentido, cada deslocamento dado ao lermos um jornal, abre-se um espaço de operação, classificação, cuja materialidade das matérias produzem lugares de potência (recepção e resposta), que podem ser úteis para criar uma cidade proveniente das leituras, por exemplo, do espaço reservado no jornal para às crônicas e rubricas.

Que tipo de cidade colonial se apresenta a partir das leituras nos jornais no tempo presente? Como estes jornais se articulavam no espaço colonial? Quais são as imagens que podemos retirar dos textos no solo das páginas dos diversos jornais no período colonial? Por outro lado, como se caracterizava a imprensa? Estes jornais induziam para os seus leitores todos os problemas que a cidade enfrentava? Sob uma forma de informar a realidade de uma cidade colonial, a partir destes jornais é possível retirar imagens e

narrativas que associam o “real” de um cotidiano de uma cidade colonial? Que percurso significaria para nós uma metodologia para trazermos uma cidade colonial proveniente das páginas de jornais? Foi necessário encontrar um mecanismo para ir buscar e trazer uma cidade, primeiramente, consistiu em ir a busca do espaço reservado às crónicas e rubricas: (i) *aconteceu na cidade*, (ii) *ecos e comentários*, (iii) *problemas citadinos*, (iv) *ronda na cidade* e a (v) *a cidade*, lugares nos jornais de grande valia; simbolicamente podemos considerá-los como se fossem atalhos, para se chegar em outros lugares na cidade colonial de Luanda.

Por outro lado, fez-se uma análise aos jornais e as matérias publicadas, visto que os jornais não estão isentos de interferências, por isso, é que as matérias cumprem um sentido político, primeiramente, ficamos atentos para as questões básicas: a crítica dentro da perspectiva do jornal como fonte histórica (o tempo e o lugar em que foi elaborado o jornal, quem o financiava e o seu público-alvo). De Luca (2005) demonstra alguns exemplos práticos de como podemos analisar os jornais: 1) atentar para as características de ordem material. 2) Assenhorrar-se da forma de organização interna do conteúdo. 3) Caracterizar o material iconográfico presente, atentando para as opções estéticas e funções cumpridas por ele na publicação. 4) Caracterizar o grupo responsável pela publicação. 5) Identificar os principais colaboradores. 6) Identificar o público a que se destinava. 7) Identificar as fontes de receita. 8) Analisar todo o material de acordo com a problemática escolhida. Neste sentido, procuramos seguir a metodologia apontada por De Luca (2005) como critério na análise de jornais como fonte na pesquisa no campo da história.

Breves considerações sobre a imprensa colonial

Neste sentido, a imprensa colonial pode ser dividida em três etapas, embora não correlacionadas necessariamente com as da metrópole. Quanto ao jornalismo colonial, há autores que defendem também uma divisão em três períodos, esta divisão juntamente pode ser estendida ao jornalismo para as demais colónias. Neste contexto Hohfeldt; Carvalho (2012, p. 142-143) falam sobre uma imprensa oficial ou oficiosa, imprensa livre e por último uma imprensa profissional. A dimensão temporal dessa imprensa começa desde a *Gazeta* de 1641 até a revolução liberal de 1820; b) Desde 1820 ao terceiro quartel do século XIX, o que corresponde ao surgimento da imprensa enquanto empresa; c) Desde os últimos vinte e cinco anos do século XIX até os nossos dias.

Na mesma senda os autores, vão dizer que esta imprensa colonial tem a ver com toda aquela produção realizada nas mais diferentes colônias de Portugal. Ou seja, ela é colonial porque se realiza num contexto colonial. Ao analisarmos algumas características comuns dos jornais, o que nos chamou atenção é o fato que os jornais mantinham um forte intercâmbio, ou seja, existia um trânsito entre as colônias e destas com a metrópole na publicação de artigos. Por exemplo, encontramos artigos e notícias dos jornais *A província de Angola, Diário da Manhã e Diário de Luanda publicados no Boletim Geral das colónias*.

Se por um lado os jornais se liam entre si e se criticavam, o lançamento de novos títulos substituía aos anteriormente suspensos ou proibidos, procedimento que era comum. Por outro lado, os jornais das colônias, de modo geral, exerciam uma constante crítica às companhias de administração a quem a metrópole entregava as colônias. Contudo multiplicavam-se os periódicos de censura ao longo da história desses jornais, na maior parte das vezes por questões inteiramente exteriores ao próprio contexto colonial. Mas curiosamente essa crítica não interferia diretamente nas questões locais ou regionais. Por exemplo na questão do modo de falar mal da limpeza da cidade, criticar a companhia de administração, cobrar melhor desempenho dos serviços postais, de modo genérico (Hohfeldt; Carvalho, 2012).

De modo geral alguns jornais que circulavam em Angola nos meados do século XX chegavam a ter oito páginas, os considerados como jornais semanais. Se caracterizavam como informantes e noticiosos, em virtude desta distinção, se exigia para publicação um registro prévio, identificação do seu administrador e do seu editor e, a partir de um determinado momento, exigiu-se o título universitário para o responsável pelo jornal, medida que gerou inúmeros problemas, visto que os jornais começaram a ter imensas folhas (Hohfeldt; Carvalho, 2012, p. 150 -151).

Paralelamente por exemplo aos principais jornais editados em Luanda ou aqueles que circulavam na cidade de Luanda provenientes da metrópole, existiu *O Boletim Geral das Colónias*, que posteriormente passou a chamar-se *Boletim do Ultramar*, isto em 1935, periódico que se propunha a “fazer propaganda do património colonial, contribuindo por todos os meios para o seu engrandecimento, defesa, estudo das suas riquezas e demonstração das aptidões e capacidade colonizadora dos portugueses”.¹

¹ O Boletim da Agência Geral das Colónias, criado pelo Nº 16 e seus parágrafos do artigo 15º do Diploma Legislativo Colonial Nº 43, de 30 de setembro de 1924. In: Apresentação do Boletim Geral das Colônias. Disponível em: <http://memoria-africa.ua.pt/Library/BGC.aspx> Acesso: 13.12. 2021.

A imagem da cidade colonial de Luanda nas páginas folheadas a partir dos jornais

Olhar a cidade de Luanda a partir dos jornais é uma forma de irmos à cidade, mas antes de darmos esse passo com a perspectiva de entrarmos na cidade pela via das letras estampadas nas páginas dos jornais, por um lado, é preciso inquirir e identificar cuidadosamente o grupo encarregado pela linha editorial dos periódicos, bem como os auxiliares dos mesmos. Por outro lado, é importante tentar saber, por exemplo, se os periódicos sofreram algum tipo de pressão exercida pelo governo. Estes são alguns desígnios teóricos e metodológicos que De Luca (2005) aponta para quem tiver a pretensão de trabalhar com o jornal como fonte de pesquisa histórica. É também compreender, como alguns “bens culturais” foram transferidos da metrópole para a colónia, por exemplo a imprensa falada e a escrita também sinalizam este desiderato, conforme o relatório da CML faz menção sobre o “progresso” e rumo que a colónia estava a tomar com o desenvolvimento da imprensa:

A Capital da província dispõe de todos os confortos e de todos os requisitos da civilização e cultura de uma cidade europeia - três emissores a trabalharem diariamente em ondas médias e curtas, quatro jornais diários de grande tiragem, cinco outros semanais, e dois mensais. (Boletim da câmara municipal de Luanda, 1960, p.5).

Ao chegarmos nesta cidade é preciso perceber como ela está representada nos jornais, a partir das formas do discurso. Por exemplo, podemos observar as formas de silêncio, conforme nos confirma Orlandi (2007). Para o nosso caso, contemplamos uma cidade de Luanda a esconder o apêndice de um problema que não é visível para aqueles que chegam nela, através das páginas lidas dos jornais de época, visto que, nestas páginas deparamo-nos com vários sentidos: a mudança, o modernismo, a comparação de ontem e hoje, o antigo e o novo, a “beleza” da cidade, as grandes obras e realizações no âmbito de um fomento urbano.

Se é preciso observar as “formas de silêncio”, por si, às imagens não podem descrever o que estava a acontecer na cidade, os objetos urbanos mostram artérias na cidade, edifícios e um cotidiano aparentemente com uma “acalmia”. Como as cidades são as pessoas, e quem dá vida a ela também são as pessoas, ao longo dos jornais consultados, encontramos narrativas sobre o passado da cidade, mas sempre naquele regime que elenca evidências sobre o grande crescimento da cidade em termos de um desdobramento de uma edificação nova e própria de sua época.

Ao esfolharmos as páginas do jornal *A província de Angola*, na sua edição do dia 17 de julho de 1949, deparamo-nos com um artigo de Jorge d'Aragão, que nos chamou atenção: *A cidade de Luanda há um quarto de século, quando aqui desembarquei... Impressões e memórias*. O autor não sinaliza a data em que ele chega à Luanda, mas através do título do artigo estamos a falar propriamente dos anos da década dos anos vinte do século XX. Neste sentido, Jorge d' Aragão (1949) chegou à Luanda no ano de 1924, período que marca o último ano de mandato de Norton de Matos. A sua primeira impressão sobre a cidade de Luanda, não é “salutar ou de admiração”. É daí que ele vai questionar-se sobre a África que ele conheceu nos livros, embora triste com a primeira imagem que se vislumbrava a sua frente no momento que tivera chegado à Luanda, Aragão (1949) consegue descrever a partir das suas memórias, a cidade de Luanda a partir das estruturas que continuavam vivas no seu interior.

Um outro elemento que conseguimos retirar do texto em página de jornal, é que estávamos perante há um texto que assinala as memórias do seu autor e as memórias da cidade de Luanda, portanto, não sabemos quais foram às reais motivações para a escrita dele, o importante para nós, foi encontrar os lugares vivos que sinalizam a vida da cidade de Luanda. Nesta linha de ideias, encontramos uma determinada geografia da cidade de Luanda nas narrativas de Aragão (1949) inscritas na temporalidade e numa operacionalização da memória. Por isso, Aragão (1949) considera Luanda como se fosse uma aldeia desenvolvida até por volta de 1924, cujos bairros principais eram a parte Baixa da cidade e a parte Alta da cidade. A Brito Godins, por exemplo, nasceu nesse tempo com os prédios que Norton de Matos ali mandou construir. O edifício da CML ainda suportava uma cúpula monstruosa, e não existia o lindo jardim de hoje, mas sim um morro escalvado e areiento.

Por outro lado, Aragão (1949) nos mostra a partir das suas narrativas, como se caracterizava a cidade, deste modo as ruas principais tirando as do perímetro da Baixa de Luanda, eram a calçada de Santo António, a calçada do Alto das Cruzes, a avenida do Hospital, as ruas do Carmo, Franco e Brito Godins. A cidade caracterizava-se por um aspecto retintamente antigo, nas ruas e nas moradas, havia pouca gente e todos se conheciam. As diversões eram poucas e o meio social era pouco desenvolvido. Um outro dado que Aragão (1949) faz menção é a ausência de mulheres nesta cidade, para ele a vida era diferente em relação à metrópole, ou seja, o homem fazia a vida na rua. Em relação a população, Aragão (1949) afirmou que as cervejarias tinham muito mais movimento, “gastava-se mais”, “conversava-se mais”. “Ninguém tomava capilés, água era

só para o banho, fechada as repartições e escritórios todos desciam à baixa e até às nove da noite as cervejarias estavam repletas e uma sã alegria transparecia nos rostos”.

Jorge d' Aragão (1949) ao fazer este exercício de pegar impressões da cidade a partir das suas memórias, faz com que a sua reminiscência se desenvolva num quadro espacial, isso liga-nos a Halbwachs (1990), mormente quando ele fala sobre a *inserção no espaço da memória coletiva*, ou seja, não há memória que não se desenvolva num quadro espacial. Estas narrativas de Aragão (1949) que acabamos de examinar nos parágrafos anteriores são provenientes das suas lembranças e por meio de uma operacionalização, que ficou encarregue de ir buscar um passado que liga a sua infância para a sua idade de adulto, conforme ele diz: “o que era Luanda há um quarto de século, quando aqui desembarquei, menino e moço, cheio de sonhos e de esperanças que o vento da vida, por vezes, nublou e entristeceu”. Certamente lembrar não é voltar a memória, mas sim voltar ao acontecimento, que não é uma memória original, igualmente as narrativas contidas no Jornal não evidenciam o acontecimento.

Por isso, ficamos atentos com os discursos associados aos lugares na cidade, a forma como Aragão (1949) consegue construir um diálogo em torno da cidade, motivou-nos a continuar à procura de narrativas sobre a cidade de Luanda nos jornais da época. Foi nesta caminhada, árdua de jornal a jornal, de folha a folha, que conseguimos encontrar outra notícia publicada no dia 24 de outubro de 1945 - um suplemento dedicado à cidade de Luanda no jornal *A província de Angola*, com o seguinte título: *Luanda moderna*; com toda a certeza está notícia foi dirigida para o grande público, porque ela nos brinda com uma matéria que versa sobre a construção de prédios, que naquela altura considerava-se estes tipos obras como: “imponentes, projetos dos quais, alguns estavam chancelados pelos irmãos Castilhos” (Correia, 2018, p. 361).²

A notícia faz o destaque em termos de construção de um prédio que estava a ser edificado na avenida dos Restauradores, próximo ao edifício do Banco de Angola, perante o desiderato, o jornal felicitou à União comercial de automóveis Ltda. - UCA, pela iniciativa, considerando-a como uma decisão arrojada. Diante da notícia e a felicitação feita pelo jornal *A província de Angola* à UCA, conseguimos compreender que a cidade enfrentava uma mudança profunda em termos da sua fisionomia, o modernismo era um fato, mas a cidade ainda assim, enfrentava sintomas com problemas de infraestruturas e a falta de edifícios no âmbito privado como no setor público. Estes problemas estão

² Irmãos Castilhos; foram arquitetos que residiam em Angola.

ligados com as crises de - (i) administração, (ii) económicas, (iii) financeiras e a (iv) crises das duas guerras; quatro variáveis evidenciadas na notícia com o título: *e a obra prossegue*, publicada no Jornal *A província de Angola*, na sua edição de 15 de agosto de 1949, número especial que marca as comemorações do ano em que o Jornal A província de Angola³ foi fundado. A princípio o Jornal, nesta edição pontuou o progresso acelerado que a província de Angola vinha a demonstrar em comparação aos outros tempos. O jornal neste caso era o parceiro ideal para mostrar as grandes obras:

Na obra até agora elevada a efeito, de algum [...] este jornal cooperou e colaborou ultimamente. Com esse objectivo se fundou. Com esse objectivo continuará a trabalhar tanto dentro da colónia como fora da colónia. O esforço da “a província de Angola”, tem sido compreendido e reconhecido. Por isso ao entrar o jornal em mais um ano de vida, com satisfação sentimos que lhe trazem Adolfo Pina, seu fundador e seu animador, a cuja memória aqui prestamos a nossa homenagem reconhecida. (Jornal A província de Angola, 1949).

Para quem contempla o título supracitado⁴ na notícia em página do jornal *A Província de Angola*, as atenções permanecem viradas por um lado na apresentação do aspecto do novo bairro construído para os funcionários públicos e por outro lado, para a demonstração de duas residências para particulares. Ainda nesta notícia é assinalado o aniversário da restauração de Angola do poder dos holandeses e podemos encontrar uma amostra por via de fotografias, retratando várias artérias da cidade de Luanda. Aqui o mote vai em direção de um discurso que se cristaliza e é repetido constantemente nas páginas de jornais: “Luanda cidade moderna” “Luanda moderna”.

Embora as imagens congelem sentidos, momentos e possibilidades de leitura, é no explorar da ausência e da presença de objetos urbanos numa determinada imagem que ela representa um saber a partir daquilo que é possível contemplar na sua estrutura. Se por um lado, existiam jornais com o cariz de divulgar os feitos coloniais empreendidos no Ultramar, outros abriam espaços para retratar um outro lado da cidade, ou podemos até dizer, que uns abriam espaços para que algumas figuras como: cronistas, colunistas ou ensaístas pudesse escrever e a partir dos escritos a mensagem chegaria por exemplo para os vários setores da sociedade ou para os mais atentos que acompanhavam os problemas que a cidade enfrentava. Neste contexto, quais seriam os problemas que a cidade enfrentava, uma vez que os jornais de época só demonstravam como a cidade crescia sob forma harmoniosa?

³ Jornal A província de Angola foi fundado no dia 15 de agosto de 1923.

⁴ E a obra prossegue.

A resposta para a questão colocada no parágrafo anterior, pode ser encontrada na crónica de Alfredo Margarido: *Metafísica de uma cidade*, publicada no dia 7 de novembro de 1957 no jornal *Diário de Notícias*. Ao emergirmos para a crónica de Margarido (1957), o autor nos mostrou logo no princípio uma primeira camada da sua crónica, um viajante desprovido da realidade de Luanda, ou seja, para ele “quem chega à Luanda proveniente da metrópole é logo tomado pela ausência de um pensamento, visto que para ele a cidade revela uma dimensão convidativa a um aniquilamento total”.

As ideias contidas na crónica de Margarido (1957) carregam consigo um grau do real, que se estava a passar com a cidade de Luanda, por isso, a situação colonial como conceito, sua materialidade enquadra-se no escopo daquilo que é a genealogia da crónica que acabamos de examinar. A quem Alfredo Margarido (1957) queria atingir com a sua crónica, ou por outras palavras, quais foram nesta linha de ideia os seus signatários? O texto de Margarido (1957) precisou de signatários, embora que foi publicado num jornal, voluntariamente ou involuntariamente, julgamos nós, que ele cumpriu com um propósito. No geral a forma como Margarido (1957), trata o espaço urbano de Luanda no seu discurso inscrito na crónica, caminha na mesma perspectiva, daquilo que Foucault (1999) nos mostra sobre os procedimentos internos vistos dos discursos. Ou seja, são os discursos eles mesmos que cumprem seu próprio controlo, procedimento que funcionam, principalmente, “a título de princípios de classificação, de ordenação, de distribuição, como se tratasse, desta vez, de submeter outra dimensão do discurso: a do acontecimento e do acaso” (Foucault, 1999, p. 21).

Se olharmos para as narrativas de Margarido (1957) iremos encontrar a ordenação: a baixa, o mussequé, os colonizados de um lado e colonos de outro lado, espaços hierarquizados, classificação dos lugares, a tensão e o silêncio imposto por outros discursos. Não é admirável que este texto publicado trouxe dissabores ao Alfredo Margarido. Alfredo Margarido foi expulso de Angola pelas suas posições anticolonialistas, radicou-se em 1964 em Paris, onde formou-se em ciências sociais, natural de Moimenta, em Vinhais, esteve vários anos em África. Em Angola foi responsável pelo Fundo das casas económicas, uma organização de luta pelos problemas de habitação de classe média. A sua intervenção na imprensa levou à sua expulsão do país determinada pelo então Governador – Geral, Horácio Viana Rebelo, que governou entre 1957 e 1959.⁵

⁵ Ver informações sobre a biografia de Alfredo Margarido nos seguintes sítios: Jornal e-cultura: morreu o poeta e tradutor Alfredo Margarido. Disponível em: <https://www.e-cultura.pt/artigo/5930>, consultado

Depois da leitura da sua crónica qual é a imagem que pode ser retirada se formos pela forma da linguagem que Margarido (1957) empregou na sua narrativa? O extrato da crónica que vimos nos parágrafos anteriores, dela podemos retirar várias interpretações. Esse artigo provocou alguns dissabores para Alfredo Margarido como autor, foi encarado como um afronte as autoridades coloniais portuguesas. Seguramente o discurso encontrado na forma como Margarido (1957) tratou os assuntos da cidade na sua crónica, foi produzido para chegar aos “atores do urbanismo”, visto que existiam jornais com o cariz de divulgar os feitos coloniais empreendidos no Ultramar, outros abriam espaços para poder atingir os decisores políticos. A maquinaria repressiva do aparelho colonial engendrou mecanismos de analisar a mensagem da crónica, que a olho “nu”, passou no crivo da linha editorial do jornal para ser publicado, mas o exercício apurado da análise do discurso deu outras significações do texto, “talvez”, seja isso, que deu motivos para Alfredo Margarido ser barrada a sua entrada em Angola por muito tempo.

Em suma, na nossa perspectiva Alfredo Margarido (1957) faz menção que Luanda era uma cidade dualista com dois mundos. O primeiro mundo o autor caracteriza como espaço agradável em franco desenvolvimento onde o colonizador utiliza este espaço para as suas atividades e nele construiu um sentimento de pertença e ao longo do tempo foi permanecendo alienado e inconstruído no plano íntimo, mas no interior dela, encontrase o segundo mundo que é fruto de um plano volumoso de construções que vai desde 1945. Por isso, é que constantemente encontramos nas notícias nos jornais (crescimento, Luanda cidade nova, modernismo e a comparação de locais da cidade com rostos novos em confronto com o antigo), fisionomias na cidade que acompanhavam os dois mundos em paralelo (o mussequé e a cidade do asfalto), mas o crescimento mental não acompanhou este plano volumoso. É neste sentido que a cidade de Luanda era caracterizada por dois mundos, naquela altura quem tivesse a intenção de averiguar o mistério da cidade, para o autor, o “mussequé” era indispensável. Nestes dois mundos é difícil ver elementos que os une, uma vez que, estes mundos estavam em constante

em 26/12/2021. Jornal o Público: Alfredo Margarido, um homem difícil. Disponível em: <https://www.publico.pt/2010/10/26/culturaipsilon/noticia/alfredo-margarido-um-homem-dificil-268080>, consultado em 26/12/2021. Jornal o Público: Morreu o africanista e pessoano Alfredo Margarido. Disponível em: <https://www.publico.pt/2010/10/14/jornal/morreu-o-africanista-e-pessoano-alfredo-margarido-20402049>, consultado em 26/12/2021. Linkfang: Alfredo Margarido. Disponível em: https://pt.linkfang.org/wiki/Alfredo_Margarido, consultado em 26/12/2021.

transformação, marca das cidades nascidas em África e que se desenvolvem ao longo da costa.

Saindo da imagem da crónica de Alfredo Margarido, mas continuando na mesma senda das páginas dos jornais; elas fizeram com que deslocássemos para a crónica de Neves e Sousa (1949) publicada no jornal de *A província de Angola*, no dia 17 de julho de 1949, com o título de *prece*, o autor súplica, dizendo o seguinte:

Aqui te peço Senhora de Nazaré que nos valeste na Batalha de Ambuila que conserves Luanda como é. [...] que conserves o ritmo de sempre morno da vida sonolenta dos muzeques que haja quissanjes sempre soluçando lavadeiras passeando com muleques. Que guardes até quando eu voltar os alegres pregões sem vaidade da castanha do cajú tão gostosa como os velhos mexericos da cidade. [...] Aqui te peço senhora que conserves o cheiro a poeira e o óleo de Palma, a tabaco, a asfalto e a peixe, a jornal, a cerveja e a calma. Aqui te peço senhora de Nazaré que nos valeste na Batalha do Ambuila que conserves Luanda. (Jornal A província de Angola, 1949).

A crónica de Neves e Sousa, não pode ser vista como se fosse um feixe de luz sem a capacidade de iluminar os vários cenários que a cidade nos dá a ver, mesmo se colocássemos uma película para não deixar penetrar luzes na cidade, na superfície da crónica é possível retirar algumas camadas que precisam ser observadas. Por exemplo, quando o autor pediu à senhora Nazaré para conservar Luanda como ela é, suas narrativas demonstram que a cidade estava a passar por uma transformação significativa. A cidade transforma-se no andar do tempo, a sua fisionomia e sua nova configuração abriu espaço para Neves e Sousa, olhar a cidade e ter um sentimento melancólico, isto porque os objetos urbanos e os espaços na cidade mostravam-lhe “o novo”, “o conforto”, “o recente”, “o desaparecimento do antigo”, cenários que se alastrava por quase toda cidade. Vejamos alguns aspectos sobre a Baixa de Luanda em destaque no Jornal:

Aspectos da cidade Baixa: onde se encontram, já, grandes prédios com importantes estabelecimentos, numerosos escritórios e apartamentos residenciais. O intenso progresso da cidade obrigará, num futuro próximo, à demolição dos velhos prédios da baixa para que os terrenos por eles ocupados deem lugar a outros prédios maiores e de linhas modernas. (Jornal A província de Angola, diário da manhã: 31 de dezembro de 1957).

Olhando para a genealogia da estrutura da crónica de Neves e Sousa (1949), ela nos apresenta cenários sobre a cidade e o musseques, o “cheiro a poeira e o óleo de palma” podem nos direcionar para o espaço dos musseques, o “tabaco, o asfalto, o peixe, o jornal, a cerveja e a calma” podem nos levar numa primeira instância para a cidade do asfalto, estes condimentos que perfazem a estrutura da crónica, compõem relatos que atravessam a cidade. Poderíamos ter passado pela página do jornal sem dar importância à crónica de Neves e Sousa (1949), mas por ela conter “estruturas de valor de sintaxes espaciais”,

evidências que Certeau (1998) consegue olhar na disposição dos relatos dos espaços. Estas estruturas narrativas têm valor de sintaxes espaciais, conforme explica Certeau (1998, p.199), porquanto elas “carregam consigo panóplias de códigos, de comportamentos ordenados e controles, elas regulam as mudanças de espaço (ou circulações) efetuadas pelos relatos sob a forma de lugares em séries lineares ou entrelaçadas”.

Foi por isso, que esta crónica chamou a nossa atenção, Neves e Sousa (1949) neste pequeno exercício de evidenciar os lugares da cidade numa crónica, nos sinaliza uma determinada geografia da cidade de Luanda, bem como os transientes na cidade e os trânsitos em diferentes espaços da cidade; às quitandeiras e às lavadeiras passeando com os moleques, completam um quadro de personagens que compunham as várias cenas que a cidade testemunhava. Estes cenários na cidade não estão alheios ao cotidiano de uma cidade que o normal era a mudança com um denominador que se desdobrava com a volumetria de grandes obras.

Foi neste período que todos chegavam à cidade de Luanda ficavam boquiabertos, com as novas edificações, e o que se derrubava do alto para o chão, que tipo de regime de imagem destas edificações pode ser vista em termos de características daquilo que foi a sua utilização e ocupação ao longo dos tempos no espaço urbano de Luanda? Fernando Batalha em 1950, ao compilar os seus artigos que anteriormente tivera publicado no jornal *A província de Angola*, posteriormente estes escritos se traduziram em uma obra: *A arquitectura tradicional de Luanda*. Neste livro, claramente observamos a preocupação do autor no que concerne à proteção da arquitetura tradicional, o porquê desta preocupação, se há anos, Luanda nos brindava com o encanto das suas características edificações das suas ruas e praças típicas?

Batalha (1950) responde, proferindo que “há uns anos, porém, começou uma sistemática destruição de todas as obras que testemunharam um esforço construtivo multissecular que representavam a mais significativa expressão da ação colonizadora de Portugal”. Por isso, em tom de voz incisiva Batalha (1950, p. 5), afirma “que tudo está desaparecendo, uma casa após outra, para dar lugar, na maioria dos casos, a banalidades arquitectónicas”. A preocupação de Batalha (1950) não foi só de olhar a destruição do edificado antigo na cidade de Luanda, os seus escritos direcionam para o espaço de examinar a *evolução estética da arquitetura doméstica* por um lado, e as características da *casa nobre* por outro lado.

Olhar para estes dois indicadores que Batalha (1950) evidência, em primeira instância é procurar entender na longa duração o edificado na cidade que ao longo do tempo vai deixando o seu espaço de emergência que se deu no séc. XVII, evoluindo através de uma forma articulada e conexa para o séc. XX. Ao longo dos tempos o espaço urbano foi sofrendo alterações, esta transformação não poupará as casas nobres ou as casas típicas, ou mesmo os primeiros bairros indígenas de Luanda. Desta forma, os escritos de Batalha (1950) caminham na direção de uma petição para a preservação⁶, daquilo que o amanhã possa dar testemunho da ação colonizadora das épocas passadas: “alguns terão desaparecido já, que seriam dignos de se conservarem, mas muitos exemplares existem ainda que reúnem o valor bastante para serem mantidos. [...] alguns estão mesmo precisando de restauro e de reparações” (Batalha, 1950, p. 18).

As páginas dos jornais e as narrativas que compõem as matérias descortinadas por nós no presente, mostram, claramente questões sobre a espacialidade da cidade, os limites espaciais, os lugares e as pessoas, uma leitura e uma releitura a partir do jornal como dispositivo, não nos permite só chegar a cidade de Luanda, mas nos facilita também tirar impressões da cidade onde o acontecimento repousa na memória, mas para ser um acontecimento é preciso ser validado por nós, também é preciso que a narrativa cravada no jornal atinja a cidade, é o que nós avistamos a partir de uma notícia com o rótulo: *impressões de Luanda*, matéria publicada no Jornal *A província de Angola* no dia 20 de maio de 1945.

Esta notícia é um substrato ou podemos considerá-la como, passagens de uma palestra, apresentada por Rocha Ramos⁷. A sua palestra teve como título *impressões de Luanda*. Na impossibilidade de o Jornal publicar na íntegra o texto dissertado na palestra, ocupou-se de publicar os substratos realçando o crescimento urbano da cidade de Luanda. Rocha Ramos (1945) como visitante, pontua na sua palestra, estar admirado com a cidade que tivera visto em 1930, para ele, Luanda é hoje uma cidade completamente nova, ou seja, uma nova e linda cidade, digna capital da mais rica e mais portuguesa de todas as colónias do império português. Para quem chega, a surpresa começa logo que se distingue o seu casario em arena, Luanda que dantes quase não ia além da cidade Alta, estende-se agora, encosta acima, a perder de vista. Luxuosos

⁶ Na verdade, Fernando Batalha (1950) abre uma discussão sobre o patrimônio.

⁷ Rocha Ramos foi um jornalista da imprensa metropolitana, esteve em Luanda numa missão coordenada pelo jornal *Diário da Manhã*.

edifícios, sobressaindo dentre o grande aglomerado de novas casas, dão-lhe o aspecto de grandeza das grandes cidades.

Num dos substratos publicados, Rocha Ramos (1945), confirma que Luanda é uma linda e nova cidade quase irreconhecível nos olhos daqueles que a conheceram há 15 anos.

Quem se aventurar chegar hoje em Luanda, ao passear pelas novas ruas e avenidas, dificilmente irá reconhecer os antigos musseques com as suas palhotas, onde assistia-se naquela altura, alguns batuques e os campos onde o capim crescia à vontade. Nesta cidade, atualmente encontramos a grandeza do novo liceu de Salvador Correia, a Maternidade, o Palácio do Comércio, da Missão católica de São Paulo e tantos outros, a beleza dos miradouros debruçados sobre a cidade, e de onde se contemplam os mais variados e deslumbrantes panoramas, as ruas asfaltadas e iluminadas, as novas escolas, postos de correio e outros grandiosos edifícios públicos e particulares, tudo isto faz de Luanda uma cidade moderna que todos quantos contribuíram para o seu progresso e desenvolvimento. (Jornal A província de Angola, 20 de maio de 1945).

No final da sua explanação, Rocha Ramos (1945), volta a assinalar que o aspecto de Luanda é inteiramente diferente nos tempos atuais: “as moradias graciosas e garridas que substituíram as velhas casas de madeira do seu tempo, condição que atribui para um aspecto agradável e as comodidades tão necessárias aos grandes centros de recreio”. Até agora, estes cronistas e colunistas do cotidiano da cidade de Luanda fizeram com que chegássemos à cidade a partir do momento, em que está a decorrer mudanças significativas no espaço urbano. Nesta cidade não eram só as edificações antigas que desapareciam como vimos nos parágrafos anteriores, até os lugares transformam-se, as ruas, os parques, os cheiros e os sons, o que estas marcas trazem de novo para a cidade de Luanda? Uma vez que a cidade nova ainda se apresenta com alguns vestígios da cidade antiga, o que poderíamos dizer se quiséssemos o que ainda não falamos da conjugação dos espaços na cidade do asfalto?

Em *Luanda um artigo que não foi escrito* de autoria de Castro Cabrita (1959), artigo publicado no *Jornal Notícia de Angola* - outubro de 1969. Ele vai afirmar que na Luanda antiga não havia nomes, por isso os diversos pontos da cidade eram apenas conhecidos por designações que iam desde as “Quitapas” até à “Nazaré” e ao “Bungo” desde as “Ingombotas” ao “Maculusso” e ao “Katari” dos “Coqueiros” à “Misericórdia” e à “Maianga”. Na mesma senda ele profere: “que neste tempo já havia a cidade Alta e Baixa, ficando esclarecido que nesta zona houve sempre altos e baixos. Mas se saltarmos para os tempos modernos, sem rodeios nem temores, eu vos assegurarei que Luanda possui um belo porto”.

Neste artigo, Castro Cabrita (1959) consegue demonstrar aspectos da cidade do asfalto, por isso, ele direciona o seu discurso para a cidade Alta e Baixa, por outro lado, faz referência do porto de Luanda, isto, por ser uma obra imponente. Mas o seu artigo vem acompanhado com uma chamada de atenção e críticas sobre o estado da cidade: para que se acalme a Luanda de hoje, [...] assim, apenas vos rastejo e que façamos orações que vão em direção da paz e da alma do bom Paulo Dias de Novais e imploro fé, muita fé, “nos nossos vereadores que nos olham paternalmente e tanto se interessam pela nossa tão querida, tão acolhedora, tão grande e tão suja cidade de São Paulo de Luanda, tentado criar divertimentos, distrações e muitas distrações” (Cabrita, 1959).

Se os cronistas e os colunistas conseguem ver os mistérios da cidade, outros olham o crescimento, outros ainda, conseguem contemplar o que sobrou do antigo em termos de objetos urbanos em relação ao novo, e outros conseguem fazer comparações do edificado, por exemplo que ocupava um determinado espaço na cidade em relação a um outro que ocupa o mesmo espaço em meados do século XX. Neste contexto, a fotografia e a imagem daquilo que se vive na cidade, serve para os cronistas como dispositivos para se poder acompanhar a diferença dos vários momentos que testemunharam o crescimento da cidade. O antigo e o novo, para os cronistas e para os colunistas da cidade de Luanda, se assim podemos considerá-los, seria o lugar do simbólico para acompanhar as exéquias fúnebres dos lugares da cidade de Luanda, que morriam e davam lugares aos novos espaços. *Luanda de ontem para hoje*, uma matéria que foi publicada no dia 11 de agosto de 1959 no Jornal *Notícia*, testemunhou o passar da morte e o nascer de novos lugares.

O transcorrido de Luanda representado por imagens (figuras), para além de nos apresentar uma comparação, ele é colocado nos lençóis do tempo, é a partir deste ponto que o passado adquire o caráter de uma atualidade superior graças à imagem com a qual ele é compreendido; Benjamin (2006) fala em “telescopagem do passado”, por outras palavras, ele nos apresenta o método dialético da montagem, de crucial relevância para as relações entre imagem, movimento, história e construção da memória (Benjamin, *apud*, Silva, 2015, p.416).

Neste contexto às figuras representam um lugar onde a imagem traz para o tempo presente um espaço carregado de lembranças e com a necessidade de lembrar (LYNCH, 1960). O antes e o depois representam os mesmos lugares em tempos distintos, abrem caminhos para a morte e nascimento de um lugar de memória. Por outro lado, as comparações evidenciadas em figuras, congelam momentos históricos e políticos da

cidade de Luanda. Isto, se formos na perspectiva de que a imagem “é percebida como uma lista histórica que nos narra uma determinada época, e ela, só pode ser vista e analisada a partir da compreensão do tempo em que foi realizada” (Coelho; Persichetti, 2016, p. 59). Neste sentido, qual seria o contexto histórico proveniente do olhar destas imagens (figuras) que representam lugares na cidade de Luanda, na perspectiva de um cronista?

Representa a morte de Luanda, que morre um pouco em cada dia que se passa, de uma Luanda de terno⁸ branco e capacete colonial, das ruas poeirentas sombreadas de acáias, dos candeeiros acesos a petróleo. De uma Luanda que desaparece nas recordações dos velhos que desaparecem. Embora que a memória não requer apenas nossa capacidade de fornecer lembranças circunstanciadas, conforme Didi-Huberman (2017, p. 52) esclareceu em *Cascas*, as imagens que acabamos de contemplar, além de serem fragmentos de memória da cidade de Luanda, contêm diversas camadas que envolvem determinados contextos: o social e o cotidiano de uma cidade; onde o antigo representa uma cidade nua, quase sem vida e com um certo ar de estagnação de paragem do tempo. E o que seria o moderno?

Seria a obra do fotógrafo da nova cidade, que procurou e achou exatamente os mesmos ângulos que serviram o fotógrafo da cidade antiga, que aproximadamente 50 anos atrás conseguiu retratar lugares na cidade, que guardam dentro de si e por vezes quase despercebidos, vestígios da cidade antiga: uma fachada, um telhado e as estátuas. Outrossim, falar do moderno é abrir caminhos para falarmos de um fenômeno urbanístico, ou seja, de uma urbanização de Luanda no período colonial, aquilo que eu chamo da era dos grandes saldos das receitas proveniente da exportação do café, que uma boa parte destas receitas foram canalizadas para a construção-fomento urbano. Luanda neste sentido, sofreu com a força das grandes máquinas. Manuel Resende (1944) a partir de uma matéria, publicada no jornal *Diário da Manhã*, matéria que foi compilada no *Boletim geral das colónias. Agência Geral das colónias, vol.- XX – 226*. Manuel Resende (1944) afirma que Luanda, a partir do seu espaço físico, “rasgaram-lhe avenidas largas e asfaltadas, ajardinaram-lhe os largos, arborizaram-lhe os largos, e, no ensejo crescente vão se edificando prédios modernos, as casas velhas sem condições higiênicas, têm sido demolidas, dando lugar as vivendas atraentes e confortáveis, onde não falta, já, uma nota de bom gosto”.

⁸ Fato branco – Vestuário.

Se a imagem da cidade de Luanda a partir das folhas dos jornais nos direciona para o desenvolvimento da cidade, o que não está claro nesta imagem é se o tal desenvolvimento esteve associado com os outros indicadores⁹, que fazem, com que nós, no presente, consideramos se de fato foi um crescimento fixo e permeável às condições internas e próprias da colónia. Ou se estes fatores internos dependeram de variáveis externas, que a partir desta imagem da cidade nos jornais, não conseguimos observar uma correlação de eventos que impulsionaram o crescimento da cidade. Embora Martins (2000) assegura que “a expansão urbana da cidade de Luanda foi sempre condicionada por fenómenos exteriores à própria cidade”.

Esta constatação feita por Martins (2000) vai nos exigir que façamos uma interpretação da imagem da cidade proveniente do nosso olhar a partir das laudas dos jornais, isso, sem dúvida, vai demandar do decodificador da imagem, ou de uma atitude crítica para compreendê-la como tendo sido realizada em outro tempo. Ou melhor, não podemos examinar uma fotografia a partir da nossa experiência proveniente do tempo presente, mas sim, deve ser com os olhos do passado. A contextualização do documento ou do ato documental da fotografia deve ser sempre feita à luz do contexto sócio-histórico (Coelho; Persichetti, 2016, p. 59).

Mesmo se recorrêssemos a um memorialista para poder dar subsídios sobre esta cidade que nós encontramos nos jornais, sua possível contribuição, não fugirá de uma imagem da cidade de Luanda, onde sua história se desenrolará a partir de um discurso virado para as imagens daquilo que representa o cotidiano e o social da cidade. Diante dos discursos quais seriam os marcos, e os lugares em que um memorialista iria assinalar sobre a cidade de Luanda? Num artigo publicado no Jornal *Diário da Manhã*, de autoria de Ávila de Azevedo, com o título: *A moderna Luanda*, matéria compilada no *Boletim geral das colónias. Agência Geral das colónias*, vol.- XX, o autor começa por falar no seu artigo a figura do memorialista, como ponto de partida para atingir a antiga cidade de S. Paulo de Luanda. Neste sentido, a pessoa do memorialista seria o sujeito que lutaria contra a hostilidade da natureza da fundação e o desenvolvimento da cidade colonial. Qual seria a metodologia desses memorialistas para captarem os lugares da cidade? Será que começaram por fazer passeios na cidade, com blocos de notas registrando tudo, o que é pitoresco e o que é paisagem? Qual seria o resultado desta etnografia na cidade?

⁹ Por exemplo: aumento da população ou um determinado caos na cidade. Assuntos que levam a pensar numa planificação ou intervenção técnica e científica do estado, para resolver os problemas da cidade.

É que há cerca de sete anos, Luanda era “recatada e bisonha” como alguns dos pequeninos e provincianíssimos lugares da metrópole: logo, as pedras agudas das calçadas e dos passeios molestavam os pés dos transeuntes, a luz elétrica era distribuída por uma espécie de motores de família, os automóveis ainda se contavam, e largos espaços de terreno guardavam a iniciativa dos capitalistas e dos empreiteiros. O memorialista afirma, que o contraste de ontem para hoje não escapa ao espírito menos observador: o asfalto tomou conta das ruas, criou-se um serviço municipalizado de energia elétrica, que tirou a cidade da penumbra e encheu-lhe de Luz. A pressa das construções foi tal que em quatro anos edificaram-se trezentos e cinquenta prédios, largos espaços desaproveitados foram revestidos de relva e de prazenteiras flores.

Um outro dado a se ter em conta, à luz da constatação do memorialista, é o comportamento estranho da administração pública, ou seja, a conduta das vereações que se sucederam na CML; passaram a respeitar escrupulosamente os planos das anteriores. Uma boa nova, por exemplo, é que o projeto de urbanização de Luanda prevê uma capital de cento e cinquenta milhares de habitantes. Para esta aceleração e o caminhar apressado de São Paulo de Luanda, antiga terra de degredados, que passeavam ostensivamente pelas ruas da Baixa de Luanda e até se sentavam nas secretárias das repartições públicas. Luanda que não tinha água que chegasse e prestasse, nem luz, nem higiene, nem beleza, virá a ocupar um dos primeiros lugares entre as primeiras cidades do Império português.

A paisagem da cidade colonial de Luanda também foi alvo da atenção dos colunistas - jornalistas, em muitos momentos, podemos admitir que grande parte da ressonância provenientes do contemplar da cidade por parte deles, permitiu trazer para as páginas do jornais, panoramas e paisagens de Luanda, será que podemos considerar estes escritos como uma esplêndida reportagem, daquilo que eles foram a busca no cotidiano de uma cidade colonial, ou recorreram a um vocabulário crítico que era aplicado, quando a cidade demonstrava a sua outra realidade? Para responder este assunto talvez iria em contramão da realidade da situação colonial para poder replicar, e tentar compreender o porquê que o jornalista Frederico Felipe, por exemplo no bi semanário: *O comércio*; escreveu uma expressão: *Luanda em Revolta*, na sua matéria, com o título: *Luanda e o turismo africano*, notícia que foi compilada no *Boletim geral das colónias - Agência Geral das colónias - Apenso de Legislação Colonial, vol.- XXIII*.

"*Luanda em revolta*" é uma expressão, dela, podemos tirar vários interesses, ou seja, várias interpretações, se for para sentir os novos ares, ou dar relevância e significação daquilo que é novo na cidade, a partir deste marco, podemos caminhar com

o Jornalista Frederico Felipe (1947), visto que a sua perspectiva, também se assenta na questão do desenvolvimento urbano. Por isso, ele justifica que "*Luanda está em revolta*". Rasgam-se ruas, levantam-se novos bairros. Tudo em febril atividade, que, "logo de manhã cedo, começa impulsionada de quem se apaixonou e se entrega ao afã de levar a cabo a ... mais feroz das revoluções urbanas, e corrigindo defeitos e completando obras que jamais tinham fim, inovando com ousadia..."

Mas se olharmos para uma outra perspectiva a sua expressão - "*Luanda em revolta*" levar-nos-ia para outros contornos, um deles seria na perspectiva que, em Luanda existiam, outras zonas da cidade que podemos considerar de cinzentas, que não foram alvo de destaque nas páginas dos principais jornais de época, é daí que, julgamos nós, que a cidade também podia mostrar-se revoltada. Mas não é essa disposição que encontramos nas páginas dos jornais, mesmos os ecos que saiam de Luanda para metrópole - (Lisboa) através dos relatos de "boca a boca", ou daquilo que era estampado nas páginas dos jornais; era o belo, isto até leva-nos a falar de dois visitantes, ou podemos até considerar de duas visitas que a cidade recebeu.

A primeira trata-se do Sr. Manuel Ferreira Rosa – Inspector de Ensino Colonial, que a partir do *Boletim Geral das colónias XXVI* – 308 na sua edição de 1951, falou daquilo que viu sobre a cidade de Luanda. A partir do desembarque consegue observar e deu conta da mudança, os objetos urbanos lhe ofereciam oportunidades para uma introspecção com base em comparações com o tempo e com aquilo que a sua memória lhe possibilita rememorar e descrever aquilo que tivera passado e visto na cidade.

A segunda visita cinge-se na visitação de Craveiro Lopes, o *Diário de Loanda*, esteve passo a passo dos desenvolvimentos desta visita, por isso o *Boletim Geral do Ultramar vol.- XXX* de 1954 abre um número especial dedicado à viagem de Craveiro Lopes à S. Tomé e Príncipe e Angola. A matéria que é possível encontrar nos meios de comunicação supracitados, junta-se a ela, uma secção reservada para a descrição da cidade, sob o título: "*aspectos da cidade de Luanda*", em que o colunista, vai narrando aspectos da cidade com base naquilo que foram as palavras de Craveiro Lopes provenientes do seu discurso. Neste contexto, a imagem trazida de Luanda na matéria, representa o lugar do modernismo, espaço urbano de Luanda tomava novos figurinos com edifícios novos de três a seis andares, outrossim, representa uma nova forma de

concepção arquitetural e urbanística.¹⁰ Por outro lado, a imagem, vem complementar a força do lugar do discurso das duas visitas que a cidade recebeu.

Rocha (2019) ao analisar os jornais diários de Luanda em vésperas da guerra colonial, vai dizer que o Jornal *A província de Angola* foi “autonomista”, ou seja, era um jornal que privilegiava a notícia e valorizava igualmente a análise e a opinião, seus proprietários defendiam ativamente a autonomia de política da Colônia. Em relação ao Jornal *O Comércio* o autor designou-lhe por “paladino”, já o *Diário de Luanda* esteve alinhado com o poder político. O *ABC* foi um diário que teve problemas com a censura, era considerado independente, a Polícia Internacional e de Defesa do Estado - PIDE chegou a prender nas suas instalações, tipógrafos negros suspeitos de envolvimento na ação anticolonial (Rocha, 2019).

Passagens, leituras e significados em relação às memórias da cidade de Luanda

O historiador, ao decifrar uma cidade, deve estar ciente de que irá pisar terrenos com os pés, deverá andar dando passos para entrar e sair de lugares. Os passos dados serão estabelecidos em várias fronteiras, escalas, temporalidades e espacialidades. Nesse contexto, ao trazermos vários fragmentos de memória da cidade de Luanda, provenientes da leitura de periódicos, a ação: “transformar-se num ato de caminhar é, ao mesmo tempo, uma ação física e uma aventura perceptiva imaginativa, intelectual” (Durval, 2025, p. 156).

Para além de ser um ato de pisar os terrenos com os pés, a ação aproxima-se de um ato de demarcação de territórios, significando passagens nos lugares. Isto nos remete ao exercício feito por Walter Benjamin (2009), quando ele nos mostra que as passagens são conjuntos de desdobramentos necessários dialéticos observáveis no contexto social de uma sociedade. Ela tem palco na variável mudança, ou seja, em passagens Benjamin conseguiu observar as mudanças ocorridas em Paris após 1822 (15 anos depois). Ainda em passagens, Benjamin (2009) conseguiu reproduzir o que ele via na paisagem. As mudanças que ocorriam permitiram trazer para sua abordagem uma visão panorâmica, que deve ser entendida como ponto de uma leitura do âmbito social, que anuncia uma

¹⁰ As imagens trazidas pelos jornais, seus enquadramentos (regimes de imagens), podem ser vistas a partir de baixo para cima. Neste sentido, elas mostram a suntuosidade e a verticalidade. No caso dos bairros de cima para baixo, mostram seu volume. Ou seja, os jornais mostram uma cidade suntuosa e vertical (na nova Luanda) e uma cidade volumosa (na velha Luanda).

revolução, ou expressão de um novo sentimento de vida. Para Benjamin (2009) nos panoramas, a cidade amplia-se e transforma-se em paisagem.

Ao trazermos vários fragmentos de memórias da cidade de Luanda, encontrados nos jornais, traduz-se num trabalho arqueológico sustentado pela leitura e pela captura de acontecimentos produzidos ao longo do tempo. Esse trabalho arqueológico é feito a partir de passagens que se incorporam numa operação de identificação e de interesse do acontecimento como produção humana na cidade. Por outro lado, passagens, devem ser entendidas, como uma tentativa de costurar fragmentos de memória da cidade de Luanda, soltos por edições, descontinuados em páginas de jornais e conformados por elaborações discursivas dos colunistas e jornalistas.

A partir de lugares da cidade de Luanda criados nos jornais, é possível extrair proveito de panoramas, uma vez que, além de se mostrar mediante de registros, a cidade é ampliada pela leitura, o que a torna uma imagem panorâmica. Mas buscar estes panoramas por meio de leituras da cidade de Luanda nos convida para uma mobilização de um trabalho mineiro a partir do friccionamento da leitura e de cada imagem encontrada. Dessa forma, estaremos em condições de conjecturar, levantar variáveis na condição de um trabalho arqueológico (Foucault, 2014).

Os escritos dos cronistas, colunistas e jornalistas demarcam geografias na cidade, práticas cotidianas, imagens e memórias de uma cidade que carrega movimento. Uma leitura nossa, passando de notícia a notícia sem darmos um tratamento da imagem produzida no ato da leitura sem problematizar, é uma forma de ler esta cidade que se mostra a partir de um movimento passadista. Daí o resultado deste exercício, configura-se no conceito de *passagens de textos*, naquilo de Seligmann-silva (2023, p. 45) vai dizer “passagens de eventos, da história”.

As imagens que se mostram a partir de um trabalho arqueológico feito na superfície das páginas dos jornais não estão isentas de uma influência de quem as criou, mas podem servir de lugar de reflexão, caso darmos significância às memórias da cidade e dos lugares na cidade. Olhamos para estas dimensões da memória no contexto dos estudos das cidades, remete-nos para a questão da materialidade do passado preservado em vários meios. Neste sentido, o passado materializado na paisagem não é poupadão com a aceleração do tempo. São poucas cidades onde pode-se achar vestígios materiais considerados do passado, logo a memória individual pode contribuir, portanto, para a recuperação da memória das cidades. A partir dela, ou de seus registros, pode-se

enveredar pelas lembranças das pessoas e atingir momentos urbanos que já passaram, formas espaciais que já desapareceram (Abreu, 2012, p. 23).

As imagens da cidade de Luanda inscritas no fazer jornalístico, validadas como fontes históricas, devem ser acauteladas. Porque são provenientes de memórias individuais, as localizações podem ser desfiguradas, mas não nos impedem de trazê-las para uma operação entre o campo memória das cidades e o fazer histórico da história das cidades. Estas narrativas, ao serem transladadas em jornais, partindo de experiências individuais, o acesso a estas experiências ao longo do tempo por muitas pessoas, por meio de leituras, estas experiências carregadas de lugares de memórias da cidade, trazem consigo deslocamentos para os lugares de memória. Este deslocamento está no processo da operação da memória coletiva, porque as pessoas vão encontrando um índice de acontecimentos de lugares reconhecidos por elas. São estes lugares da cidade que se eternizam muito mais, porque estão em registros, do que em formas materiais inscritas na paisagem. Ou seja, “são estes documentos que, ao transformar a memória coletiva em memória histórica, preservam a memória das cidades. São eles também que nos permitem contextualizar os testemunhos do passado que restaram na paisagem” (Abreu, 2012, p. 27).

Por outro lado, são estes documentos (jornais, cartas, fotografias, postais, etc.) que nos permitem contextualizar os testemunhos do passado que restam na paisagem. Por isso, toda tentativa de trazer memórias de uma cidade não pode limitar-se à recuperação das configurações materiais deixadas de outros tempos. Há que dar conta até de tudo aquilo que não deixou sinais e que ainda está arquivado nas instituições de memória (Abreu, 2012). É daí que surge esta cidade de Luanda, a partir de uma operação arqueológica, historiográfica e de uma necessidade de criar uma cidade com movimento, como se fosse uma cidade que anda (a passagem do tempo, passagem por um lugar e aos passantes de um lugar na cidade) com vida (Sarlo, 2014; Seligmann-Silva, 2018).

E dentro de uma perspectiva, que Pesavento (2003) alude sobre a questão do processo de invenção ou ficção que busca explicar o passado desde o presente. Ou seja, esta cidade de Luanda trazida para esta querela, não foge de uma ofensiva de fabricação, partindo da ideia de que, a literatura sinaliza que somos seres que habitamos num mundo, mas precisamos fabricar um mundo para nós. No que diz respeito a este aspecto, lembro-me das palavras de Ivan Jablonka (2024) em relação à necessidade de unir a literatura e as ciências humanas para criar uma escrita do real, ou seja, antes de estudarmos um problema sob a perspectiva sociológica, etnográfica ou histórica, somos escritores de

ciências sociais. Assim, precisamos criar maneiras de dar vida aos personagens, atribuindo formas, configurações, cenários, vivências e significados a uma história.

Considerações finais

Numa análise geral aos jornais editados em Luanda, todos eles operavam com os seguintes gêneros jornalísticos: informativos, opinativos, ilustrativos ou visuais, propaganda e entretenimento. Mas o regime de Oliveira Salazar e Marcelo Caetano proibiu a divulgação de certos assuntos na primeira página dos jornais, foi uma das práticas censórias do regime (Rocha, 2019, p.10). Quanto às crónicas que contemplamos provenientes dos escritos de Neves e Sousa (1949) e Alfredo Margarido (1957), vão acoplar-se no espaço urbano de Luanda como um lugar que foi possível ser lido através de um contexto social e político. Os escritos destes cronistas demarcam geografias na cidade, práticas cotidianas, imagens e acima de tudo trazem outras camadas daquilo que era a situação colonial imperante na cidade colonial de Luanda. Como vimos, Alfredo Margarido (1957) foi mais incisivo ao tentar demonstrar uma realidade de ordem económica e social.

Vale a pena ressaltar que os jornais em Angola em meados do séc. XX contribuíram para a asserção e contestação ao colonialismo. Ainda neste turno, também contemplamos como os colunistas¹¹ e os jornalistas através dos seus escritos conseguiram representar determinados lugares da cidade. Ao analisarmos estes escritos, encontramos a imagem de uma cidade representada no jornal com um “ar” saudosista e melancólico que ao longo do tempo foi desaparecendo em nome da modernidade por um lado. Por outro lado, sentimos nos jornais a ausência dos lugares dos tais ditos “indígenas”.

Ao descortinarmos as crónicas dos autores que acabamos de ver, não significou simplesmente validá-las como documentos que passaram por uma “operação historiográfica”. Contudo, os discursos e as linguagens inscritas nas crónicas permitiram que fossemos ao encontro de léxicos que compõem a vasta biblioteca colonial. Podemos olhar os discursos na crónica de Alfredo Margarido (1957) e suas estruturas como um meio de luta. Neste sentido é sinalizado na sua crónica um lugar que carrega consigo condições históricas e políticas. O discurso da imprensa e sua linguagem não se limitam somente a um agregado de vocabulários, mas antes, são capazes de arrumar e descobrir

¹¹ Jorge de Aragão, Castro Cabrita, Fernando Batalha Resende e Ávila de Azevedo.

a situação elementar das relações sociais. “Expressam-se, portanto, através dos jornais, as forças políticas dos grupos que compõe a sociedade” (Calonga, 2012, p. 82).

THE IMAGE OF THE COLONIAL CITY OF LUANDA FROM ANOTHER ANGLE: NEWSPAPERS, COLUMNISTS AND JOURNALISTS

Abstract: This article presents a way of bringing a city to life through an operation carried out in newspapers. In methodological terms, the operation was accompanied by methodological contributions, which took the form of an analysis of newspapers and published articles, based on the assumption that newspaper reports are not free from interference. The images of the colonial city of Luanda obtained through archaeological work carried out in the pages of newspapers reveal places of memory, passages and panoramas that inscribe a colonial city of Luanda with a nostalgic and melancholic ‘air’, with an image of progress in the name of modernity.

Keywords: city of Luanda; newspapers; columnists; journalists.

LA IMAGEN DE LA CIUDAD COLONIAL DE LUANDA DESDE OTRO ÁNGULO: PERIÓDICOS, COLUMNISTAS Y PERIODISTAS

Resumen: Este artículo presenta una forma de recrear una ciudad a través de una operación realizada en los periódicos. En términos metodológicos, la operación fue acompañada por aportes metodológicos, que se materializaron en el análisis de los periódicos y los artículos publicados, partiendo del supuesto de que las noticias de los periódicos no están exentas de interferencias. Las imágenes de la ciudad colonial de Luanda obtenidas a través de un trabajo arqueológico realizado en las páginas de los periódicos revelan lugares de memoria, pasajes y panoramas que inscriben una ciudad colonial de Luanda con un «aire» nostálgico y melancólico, con una imagen de avance en nombre de la modernidad.

Palabras clave: ciudad de Luanda; periódicos; columnistas; periodistas.

Referências

A PROVÍNCIA DE ANGOLA. **A cidade de Luanda há um quarto de século, quando aqui desembarquei... Impressões e memória.** Edição do dia 17 de julho de 1949.

A PROVÍNCIA DE ANGOLA. **Aspectos da cidade Baixa.** Edição do dia 31 de dezembro de 1957.

A PROVÍNCIA DE ANGOLA. **Comemorações do ano em que o Jornal A província de Angola foi criado.** Número especial que marca as comemorações. Edição do dia 15 de agosto de 1949.

A PROVÍNCIA DE ANGOLA. **Impressões de Luanda.** Edição do dia 20 de maio de 1945.

A PROVÍNCIA DE ANGOLA. **Luanda moderna. Suplemento dedicado à cidade de Luanda** Edição do dia 24 de outubro de 1945.

A PROVÍNCIA DE ANGOLA. **Luanda um artigo que não foi escrito.** Edição de outubro de 1969.

A PROVÍNCIA DE ANGOLA. **Prece.** Edição do dia 17 de julho de 1949.

ABREU, Mauricio. Sobre a memória das cidades. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUSA, Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (org.). **A Produção do espaço Urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. São Paulo: Contexto, 2012.

ALBURQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A pele da história: corpo, tempo e escrita historiográfica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2025.

BARROS, José D' Assunção (2007). **Cidade e História**. Petrópolis, RJ: Vozes.

BATALHA, Fernando. **A arquitectura Tradicional de Luanda**. Luanda: Museu de Angola, 1950.

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

BOLETIM GERAL DAS COLÔNIAS - AGÊNCIA GERAL DAS COLÔNIA. Número especial dedicado à viagem de sua excelência o Presidente da República a S. Tomé e Príncipe e Angola. vol.- XXX – 353 -354, 761 págs. In: **Aspectos da Cidade de Luanda**. 1954, p. 155-156.

BOLETIM GERAL DAS COLÔNIAS - AGÊNCIA GERAL DAS COLÔNIAS. **A moderna Luanda**. vol.- XX – 226, 157 págs. 1944, p. 144-146.

BOLETIM GERAL DAS COLÔNIAS - AGÊNCIA GERAL DAS COLÔNIAS. **Inspector de Ensino Colonial**. Vol. XXVI – 308, 195.

BOLETIM GERAL DAS COLÔNIAS - AGÊNCIA GERAL DAS COLÔNIAS. **Luanda e o turismo africano**. vol.- XXIII – 261 A, 16 págs. 1947, p. 12.

BOLETIM GERAL DAS COLÔNIAS - AGÊNCIA GERAL DAS COLÔNIAS. **Urbanização de Luanda**. vol.- XX – 226, 157 págs. 1944, p. 93-94.

BOLETIM MUNICIPAL. **Câmara Municipal de Luanda**. Luanda: Repartição de Cultura e Turismo, 1960.

BORGES, V.; GONÇALVES, J. Entrevista com Ivan Jablonka - Por uma ciência social criativa. **História (São Paulo)**, v. 43, p. e20240052, 2024.

CALONGA, Maurílio Dantielly. O jornal e suas representações: objeto ou fonte da história? **Comunicação & Mercado/UNIGRAN** - Dourados - MS, vol. 01, n. 02, nov. – edição especial, 2012, p. 79-87. Disponível em: <https://silo.tips/download/o-jornal-e-suas-representaoes-objeto-ou-fonte-da-historia-1> Acessado em 01/08/2022.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: 1 – Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1998.

COELHO, Cláudio Novaes Pinto; PERSICHETTI, Simonetta. Benjamin, o método da compreensão e as imagens dialéticas. **Líbero** – São Paulo – V. 19, n.37 – A, p. 55-62, jul./dez de 2016.

CORREIA, Maria Alice Vaz de Almeida Mendes. O modelo do urbanismo e da arquitetura do movimento moderno – Luanda 1950 – 1975. Tese apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Arquitetura e Urbanismo, 2018.

DE LUCA, Tania Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carça Bassanezi (org.) **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. **Metafísica de uma cidade**. Edição do dia 7 de novembro de 1957.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Diante da imagem: questão colocada aos fins de uma história da arte**. Trad. Paulo Neves. São Paulo: editora 34, 2013.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do Discurso. Aula Inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. Trad. Laura Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Isto não é um cachimbo**. São Paulo: Paz e terra, 2014.

HALBWACHS, Maurice. **Memória Coletiva**. São Paulo: Editora Vértice, 1990.

HOHLFELDT, Antonio; CARVALHO, Caroline Corso de. A imprensa angolana no âmbito da história da imprensa colonial de expressão portuguesa. São Paulo, **Intercom – RBCC**, V. 35, n.2, jul./dez, 2012.

JORNAL NOTÍCIA. **Luanda de ontem para hoje**. Edição de 11 de agosto de 1959.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. Trad. Maria Cristina Tavares Afonso. Lisboa: Edições 70, 1960.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. Campinas, SP: Unicamp, 2007.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

SARLO, Beatriz. **A cidade vista: mercadorias e cultura urbana**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **O local da diferença: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução**. São Paulo: Editora 34, 2018.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **Walter Benjamin e a guerra de imagens**. São Paulo: Perspectiva, 2023.

SILVA, Ana Amélia da. Imagem, montagem e memória – Alguns nexos Benjaminianos em histoire(s) du cinéma (Jean-Luc Godard, 1988-1998). In: MACHADO, Carlos Eduardo Jordão; MACHADO JR., Rubens; VEDDA, Miguel. **Walter Benjamin: experiência histórica e imagens dialéticas**. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

SOBRE O AUTOR

Yuri Manuel Francisco Agostinho é doutor em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); Pós-Doutorado em História Pública pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR); docente da Universidade de Luanda, Angola.

Enviado em 29/07/2025

Aceito em 05/12/2025